

A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

REDATOR-GERENTE: RODOLPHO FELIPPE

Redação e administração
LADEIRA DO CARMON.º 7
Expediente à noite

ASSINATURAS:
Ano 105000 -- Semestre 55000
Numero avulso 5200 -- Pacote 12 exemp. 25000

Toda correspondência, vales e registros
devem ser endereçados à Caixa Postal 193
S. Paulo - Brasil

A lei de sindicalização obrigatória

Houve tempo em que falar-se em Sindicalismo era interdito e praticá-lo era perigoso. Vezes sem conta as sedes dos «Sindicatos Operários», aqui em São Paulo, foram assaltadas, quebradas ou roubadas seus móveis, arrebatadas as suas bibliotecas, fechadas as suas portas, presos, expulsos, espancados, perseguidos seus membros.

No Rio aconteceu o mesmo com a Construção Civil e outras associações operárias, criando-se leis espectais que coonestassem essas violências e — caso curioso e edificante! — a mesma lei que serviu para perseguir, aniquilar, extrangular o movimento proletário foi a mesma com que se fechou o CLUBE MILITAR do Rio de Janeiro, quando da agitação produzida pelas célebres cartas do sr. Bernardes ao senador Raul Soares, em que havia apreciações desairosas e afirmações injuriosas para o brio e dignidade dos oficiais do exercito e da marinha nacional.

No regimen passado, derrocado com a revolução de 1930, era assim que se procedia. Os politicos decaídos, os sinistros politicos paulistas, principalmente, não toleravam que se falasse em questão associativa ou sindical, em proletariado, em questão social, cousas para eles inconvenientes, desconhecidas, irreais, antipáticas. E quando alguém transgredia o preceito, quando uma pessoa ou coletividade tratava desses assuntos pelos quais eles sentiam verdadeira ógerisa, arremetiam furiosos e desvairados, como touros bravios quando na arena lhes acenam com a bandeirola vermelha. E o temerario que os enfrentasse era derrubado, machucado, atropelado sem dó nem piedade.

Agora, então, assiste-se a um fato inteiramente diverso. Os atuais governantes entendem de estabelecer o SINDICALISMO OBRIGATORIO, forçando os trabalhadores a pertencerem ao sindicato do seu officio ou profissão, dando-lhes «direitos» eleitorais, impedindo que estrangeiros façam parte de seus corpos gerentes ou diretorias, etc. E, nós, não concordamos com este zelo desmedido pelos sindicatos. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra! Passar da pólo ao outro, do extremo odio ao extremo amor, assim de repente, é cousa que não entendemos lá muito bem. Nem oito nem oitenta, como diz o ditado.

Paradigmatico que somos de todos os libertades, inorgânico nos contras todas as situações forçadas que apareçam. No

passado, apesar de todos os precalços, ameaças e perigos, aconselhamos sempre o operariado a sindicalizar-se, pois na sua congregação e união residia a sua força. E agora, ante a situação atual, repellimos a sindicalização forçada, reivindicamos o direito que temos de ser livres e a faculdade que têm todos os trabalhadores de espontaneamente manter ou aderir ao sindicato que mais lhes convenha e não serem impellidos a entrar em um exclusivo, esquadrado como qualquer militar, onde não tenham liberdade de pensar, de agir e de propagar todas as ideias, teorias e doutrinas que mais lhe agradarem, mas, ao contrario, transformando-se em possíveis eleitores, em molas da máquina eleitoral para favorecer os novos aspirantes ao poder.

A feitura das leis não nos interessa. Nem as eleições, nem os parlamentos. Todas essas instituições isliram, falharam estrondosamente, vergonhosamente. Não é por falta de leis que a máquina social não funciona regularmente. É pelo seu excesso. Quanto mais leis, mais regulamentos, mais decretos se fabriquem, mais peias ao pensamento, mais restrições às liberdades, mais diques surjam e aparecem à livre iniciativa.

Queremos o sindicato organizado espontaneamente pelos interessados e agindo livres de toda a influencia estranha. Somos contra todas as coações, partam de onde ou de quem partirem. Abaixo todas as peias ao pensamento livre e à livre organização dos trabalhadores! Abaixo todos os arremedos de organização compulsoria à moda bolchevista e fascista! O operario é e deve ser mólcule util, ativa e pensante, unidade expressiva, átomo expoencial e não carneiro que se junte em rebanho e se deixe tosquiar, tanger e levar para onde os pastores desejarem.

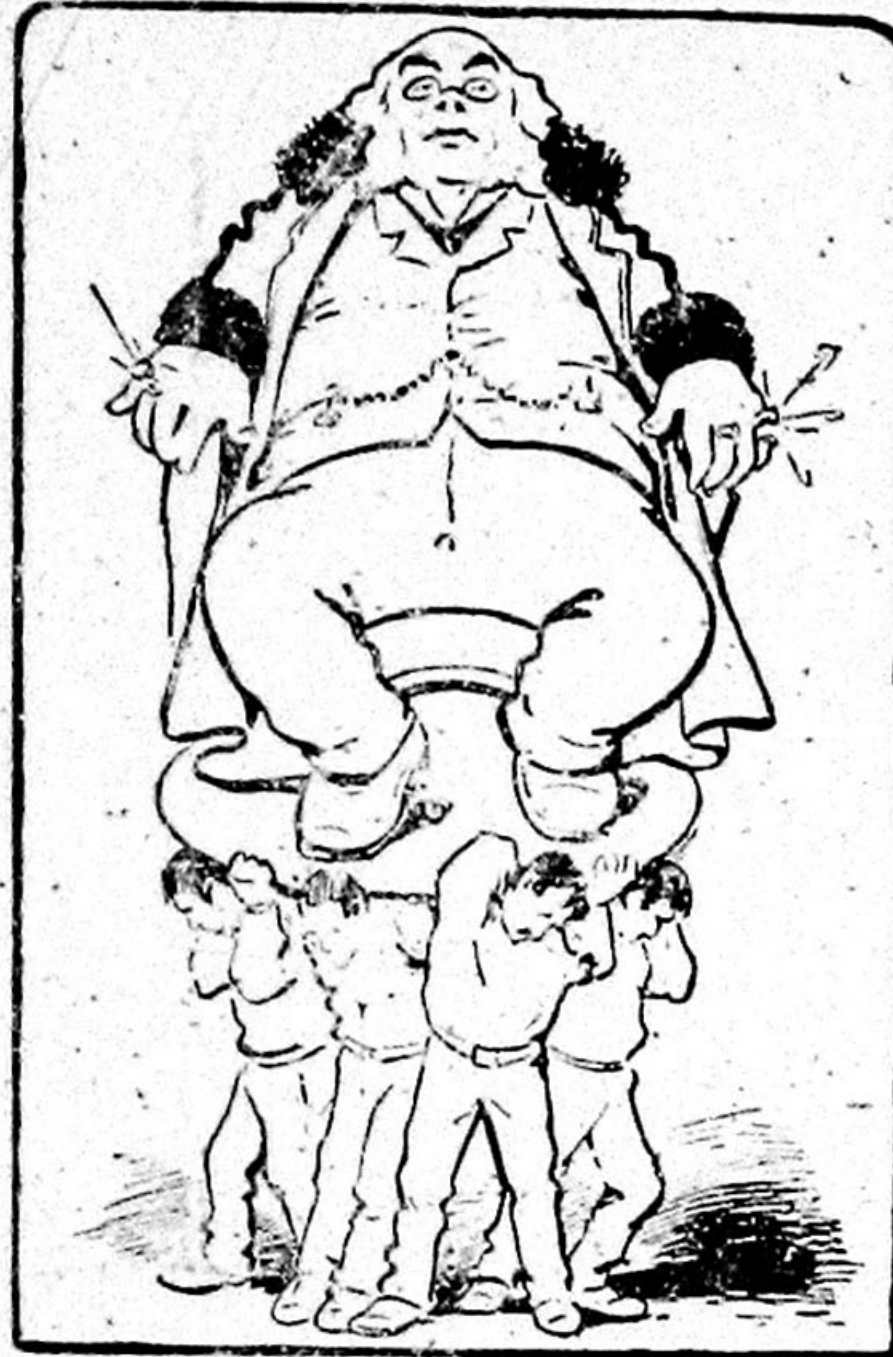
Quem nunca se ocupou do Sindicalismo ou quem sempre se lhe opoz, o atacou e hostilizou, não tem cotação para o regularizar, é o menos habilitado a querer orientar e metê-lo em leito de Procusto de onde nunca mais quererá que ele saia.

Isto dizemos como advertencia a todos os trabalhadores.

A "PLEBE"

Avisa que transferiu a sua sede para a Ladeira do Carmo n.º 7.

CAPITAL E TRABALHO



É esta a tão falada harmonia e conciliação das classes

Espiral

Um dia... — santa ingenuidade! — despertei para a vida... social.

— Acreditei que uma palavra e uma vontade lançariam de novo o «fiat» do mundo, com a resurreição das almas, integrando-se em si mesmas mediante a educação da infancia.

Mas, o sonho foi desfeito pela propria escola da vida que nos tritura com dolorosas experiencias anotadas no livro aberto de cada dia.

A escola asfixia... distribue diplomas de eunucos mentaes. Os educadores de todos os credos, cada qual se julga o detentor da verdade.

Depois... — que candura! supôs que as verdadeiras elites, as elites do sentimento e da razão modelariam o mundo nos dedos esguios dos sonhos infinitos de renovação social, na espiral que vae à eternidade através do perpetuo vir-a-ser.

Incendiei-me de entusiasmo e minha voz humilde, valente e sincera veio unirse ao coro sobrehumano dos Prometeus acorrentados ao Cauaso fatal da sociedade moraliteista e legalmente organizada.

Ingenuidade infantil! E os sem-patria?... E os indesejaveis? Todo o castelo gigantesco desmoronou-se ao sopro do vendaval do conhecimento: os poderes organizados alogam, assaltam, violam, sufocam, dominam — pela força

ou pela tirania, pela cathedra ou através do pulpito, pelo dinheiro ou pelas armas — os grandes, os nobres, os fortes, os generosos.

E vi rebeldes e revolucionarios pretendendo revolucionar o mundo, sem olhar dentro de si mesmos...

Tudo inutil!... — Então, observei em torno de mim, buscando a causa do problema mitenar de lesafelicidade humana.

E vi transatlanticos, submarinos, aviões, o carvão, o petroleo, maquinas sem conta, toda a ciencia e todo o progresso material, emfim todo o bem estar da civilização esmagando o genero humano.

E vi revolucionarios prégundo como apóstolos depois de oito horas de trabalho nos arsenaes de guerra... E ouvi palavras lindas e vi açoes aviltantes...

E vi o servillismo, a hipocrisia, o autoritarismo dos que clamam pela liberdade. Todos querem dominar.

E vi operarios fabricando as armas para abrir o ventre dos seus filhos ou dos seus irmãos.

E falando de Paz e Fraternidade...

E busquei a felicidade dentro de mim mesma.

Inutil é lutar fóra de mim! A renovação está dentro do meu Ser.

Por isso, procuro iluminar minha alma com a bondade. Por isso, desertei deste imenso mercado de consciencias que é a sociedade com a sua gula voraz e sua espectacularidade teatral de tar-

tufismo gran-guinesco em todas as classes sociais.

E consegui sorrir sem rancôr ante a ignorancia cultivada, deante da perversidade organizada.

E, por ultimo, descobri, através de uma rebelião latente, a dolorosa alegria de viver, a alegria amargurada de evadir-me de todos os detetives sociais e comungar com a Natureza, em harmonia comigo mesma. E consegui viver momentos de felicidade interior, silenciosa, estoica.

E então, dentro de mim, senti um deus que sonha e canta e soluça e vibra um sonho eterno de *devenir*, numa dolente nostalgia e no anhele perene de outros planos de evolução, de outros estados de consciencia — engendrados em meu proprio cerebro pelo desejo, matriz de todas as cousas e de todas as formas — na ascensão para alturas inacessíveis...

E vi sorrir a Cristo, grande, estoico... E vi, nimbado de Amor, a Epiteto...

E, nas criptas profundas de meu ser, uma voz falou a voz da sabedoria de Epicteto e da fraternidade de Cristo.

E tres luzes vi nos caminhos da minha consciencia: Han Ryner, Mahâtma Gandhi e Krishnamurti.

Conhecer-me. Realizar-me. Resistir ao mal com o bem. Não cooperar com a civilização da ciencia sem consciencia.

Renascer de mim mesma através do «individualismo da vontade de Harmonia».

Para aprender a amar. Porque: *Só para amar foi feita a Vida.*

MARIA LACERDA DE MOURA.

BIBLIOGRAFIA

A GUERRA CIVIL DE 1932 EM S. PAULO. — SOLUÇÃO IMEDIATA DOS GRANDES PROBLEMAS SOCIAIS. POR FLORENTINO DE CARVALHO — S. PAULO, 1932.

Entre tantos livros que a intentona reacionaria paulista provocou a vir à luz, appareceu este do nosso camarada Florentino que, espectador atento e local da horrivel tragédia não quiz deixar de dar tambem a sua contribuição, o seu depoimento valioso e franco por onde mais tarde o historiadador imparcial e sagaz possa destriugar a verdade exata dentro o cipoal de tantas afirmativas vãs e tantas justificativas mentirosas.

Mas o que mais interessa ao nosso camarada não é a exterioridade empolgante dos acontecimentos aqui desenrolados nas suas diversas manifestações e resultados, a sua parte dramática e tragi-

Conclua na página seguinte

A Lei de Férias

Uma burla como as outras

O sr. Bernardes, após o movimento militar de S. Paulo, em 1924, para atrair um pouco de popularidade, promulgou uma lei de férias operárias que nunca tivera execução nestes oito annos de governo.

Os industriais e os comerciantes fizeram ouvir os seus gritos, fizeram de conta que a mesma não existia e tudo ficou como antes.

Depois do movimento de 1924, o sr. Bernardes, em 20 de Maio, promulgou a Lei de Férias Operárias, que nunca teve execução. Os industriais e os comerciantes fizeram ouvir os seus gritos, fizeram de conta que a mesma não existia e tudo ficou como antes.

Depois de oito annos de governo, os operários não tiveram férias. Os industriais e os comerciantes fizeram ouvir os seus gritos, fizeram de conta que a mesma não existia e tudo ficou como antes.

Os operários trataram de reclamar o pagamento das férias, o pagamento foi a lei, mas os industriais continuaram a recusar as reclamações alegando que só a Federação das Indústrias é que podia decidir.

Os operários de algumas fábricas, ante esta recusa dos patrões, declararam-se em greve, reclamando também o horário das 8 horas. Não há porém ninguém de sereno alvado. E que os industriais que gastaram rios de dinheiro para fomentar a guerra civil, agora querem fazer-se deuses prontos a custa dos infelizes operários.

UM EXEMPLO PRÁTICO DE VIDA LIBERTARIA

Uma colonia de desocupados onde a norma de vida é o livre accordo para o apoio mutuo.

Ha quem ache bella e justa a organização social baseada nos principios libertarios, julgando, porém, impraticavel a vida sem coação.

Ha, entretanto, mesmo dentro da sociedade actual, baseada unicamente no principio da autoridade, da coação em todos os sentidos, muitas manifestações praticas do espirito libertario, em serviços publicos e de iniciativa puramente funcionando perfeitamente, contra toda a pressão e os vicios da educação do ambiente da organização burguesa.

conspiradores que é a Federação das Indústrias, continuando a sua obra de boicote e de obstruccionismo aos homens que occupam actualmente o poder, procuram, com a sua recusa, lançar o operariado numa greve geral para, desse modo, lhes causar o maior numero de embaraços e de dificuldades possiveis.

E, dessa maneira, os despididos que lançaram o puz na essa sinistra viagem da vida civil, aqui a desculpa do restabelecimento do Imperio da Lei, para togar ao equipamento de uma lei que os seus agravações lhes deu, com a profusão de palavras e de frases, pretendem lançar-lhes um movimento de greve e por esse tempo, perturbar a marcha regular da vida normal e econômica da cidade e do rio.

De mais, que o proletariado acha-se nesta situação, antes não lhes davam as férias porque não havia lei que a isso obrigasse. Agora, com a lei, recuam, não se contentam com a lei, pois não é a vontade dos patrões e por isso, os que luctam contra as ordens operárias durante aquelles minutos tentam a via de morte e de infamia, para dar um golpe e aterra-lhes a vida dos operários.

Por aqui se vê que não basta decretar leis que não se cumpram, pois o trabalho, quanto ao homem a quem ellas se applicam não estão postos a cumprir-las.

E pela contrario, mesmo sem leis, os trabalhadores tem conseguido melhorias e vantagens, e a remuneração de seus labores a custa de luctas e esforços como foi o horario das 8 horas, no tanto tempo que a lei em vigor, em todas as indústrias e o espremeu os operários, sem a sua iniciativa e desmazelo e com a ajuda de seus próprios esforços.

Por tudo, pois, que fica constatado, mais uma vez se prova que os trabalhadores só conseguiram as melhorias que puderam conquistar, por seus esforços continuos, por suas luctas constantes. Prometem-lhe o céu, mas não lhe o podem ou querem dar.

O resto é converso, nada...

Um desses casos achão de ser noticiado no numero de 23 de Novembro de «O Estado de S. Paulo», jornal genuinamente conservador, que reproduziu da revista norte-americana «Atlantic Monthly» a seguinte noticia, dada pelo sr. T. Jones Pany, em que é relatada a vida de uma colonia de desocupados da cidade de Seattle.

Esses desocupados, organizaram-se livremente, livremente estabeleceram as normas livres de sua vida, baseada no livre accordo e tudo fa-

zendo no sentido do apelo mutuo, sem a intervenção da autoridade, sem a minima coação, sem que, por isso, deixasse de reinar o respeito reciproco pela dignidade de cada um.

É uma demonstração rudimentar de vida libertaria dentro da propria sociedade capitalista, mantida pelo principio da coação e da violencia em todos os sentidos.

«Não tento trabalho para ganhar o seu sustento, os desocupados daquela cidade resolveram fundar uma organização cooperativa de auxilio mutuo, intitulada «Liga dos cidadãos sem trabalhos», a qual agrupa hoje mais de 10.000 membros. Na impossibilidade de obter subsídios satisfactorios do municipio, a Liga resolveu agir sozinha.

Os tres grandes recursos de Seattle e da região são a madeira, a pesca e a agricultura. Ha milhares de pilhas de troncos em vias de apodrecer nas serrarias e nos depósitos. Ha armazéns cheios de caixas de almidão, que não se vendem. Os frutos e legumes estragam-se nos campos, por falta de compradores. E, ao mesmo tempo, homens, mulheres e crias sofrem de fome e de frio. Nessas condições, a Liga resolveu intervir. Os pescadores, membros da Liga, forneceram as barcas. Os proprietários do porto de Yuquina, autorizaram os desocupados, membros da Liga, a vir a colher as suas batatas, as suas maçãs e as suas peras, sem pagar-lhes nada. Os proprietários de moinhos, permitiram para a desmida de grãos, a passagem dos doadores de cerejas e amêndoas a Liga, e esta resolveu, para sustentar o seu programa, estabelecer...

Como se espantasse o inverno, a Liga estabeleceu o campo de sua actividade de sorte que dentro dos seus membros, sapateiros, alfaiates, carpinteiros, merceeiros e toda espécie de artesãos, hois, carpinteiros, sapateiros, fizeram-se muiros, com a ajuda da Liga, e sem que um dos milhares de membros, nessa república dos desocupados, a unica modo que tem, não se aterra-lhes.

Um dos 22 locais da Liga é um antigo estabelecimento de automoveis. O sr. Jones expoz a seguinte situação de distribuição. Instalaram-se ali uma loja e profiteiras como num armazém. Notou-se, nos registos, o nome de cada familia, e a quantidade distribuída cada dia. O valor dos alimentos distribuídos não deve exceder de 2 dolares e 50 centavos por semana, para uma familia de quatro pessoas, com as crianças, distribuídas entre os homens e mulheres. No fundo da loja, ha portas envidraçadas, e uma caixa de serviço movido, que dispõe de uma pequena farmacia, e onde se pode receber tratamento dentario ou medicinal gratuito. A outra é a de distribuição da madeira para aquecimento.

Na outra extremidade ficam as escritórios, muito bem mobilados, e a presença na Liga de carpinteiros e outros operarios especialistas, sem trabalho. Tudo é muito bem organizado. No fim do dia, os papéis são cuidadosamente classificados, e um vigia, a seu turno, sem trabalho, também, faz a sua ronda.

Na outra garagem instalaram-se as oficinas. Ha ali uma carpintaria, um cabelereiro, um alfaiate, um sapateiro, uma officina de concertos de automoveis. O cabelereiro corta o cabelo mas não faz a barba, por falta de agua corrente. Os automoveis que se concertam são pequenos camións que servem a Liga, no transporte da madeira e dos legumes, e as vezes entregam a domicilio, aos doentes.

O sub-solo serve de depósito para os productos alimentícios, as madeiras, os tecidos, etc. Com excepção dos alimentos, todos esses productos são vendidos, porque os sem trabalhos dizem «vender» e não «mudar».

Nesse local, e nos outros da liga, se organizam, muitas vezes, bailes e serenatas. Os sem trabalhos pagam 5 centavos de entrada, e os outros 25 centavos. As atrações são, ás vezes, excellentes, graças á presença de músicos e actores, profissionais entre os membros da Liga.

O exemplo da Liga de Seattle foi seguido pelas cidades vizinhas. Ha pouco tempo se constituiu uma Federação das Ligas dos sem trabalhos do Estado de Washington, que realizou o seu primeiro congresso a 29 de Maio. Nesse congresso foram tomadas entre outras, estas resoluções: Inauguração de um sistema de troca entre as comunidades rurais e urbanas, forçando os agricultores a ligar productos alimentícios em troca de sapatos, roupas e madeiras e a proclamação de que a Federação não devia concluir aliança politica alguma.

Aos homens de coração e talento

Proletários: Quei as erianças com deliquencia de sentimentos, inspirando-lhes nores ideias, para que no dia de amanhã não sofram as consequências dos principios ás vezes errôneos que lhes gravastes nas suas mentes inexperientes: lazei, enfim, com que essas forças desabrochem com a sua cultura e propriedades naturais.

Patronos e Mestres: Fazet com que os vossos cantos pareçam ao fundo do mar, em misticas e belezas entoadas á terra de Deus. Que as vossas produções tenham o poder de entuziasmar as multidões e despretiosas ás mais nobres aspirações.

Leitores e Escrivães: Ao escreverdes vossos livros, fazet, em primeiro lugar, a análise das causas que motivam todos os crimes na sociedade actual: descobret a tal qual é o mal, e aonde correem indirecto, no trabalho ao mundo a organização de uma sociedade baseada no amor e na justiça.

E a obra que realizardes, aplegrada de inteligência e de sentimentos...

Adversos e Inimigos: Usai da máxima tranquez e deizi que é o papel que desempenhai na sociedade, de que é a justiça que applicais, e se estais convencidos dos defeitos, de que afocei, mostrat os aos homens.

Com isto, ilustrareis as massas da humanidade das leis, e a sua substituição pelo mutuo accordo.

Patrons e Escrivães: Sede os gladiadores pela arte, e que os vossos instrumentos sejam ao mesmo tempo como espadas de aço bem temperadas, deslizando todas as tiranias, causa do mal-estar.

Que as vossas concepções, inspirem o bem e o amor entre os homens.

Médicos e Biologistas: Tende a nobreza de mostrar perante o mundo as causas dos males físicos e mentais, e quais são os remédios effectivos á cura da humanidade que omnia diariamente ao peso da má organização social.

Justiças e Leis: As vossas descobertas são grandiosas. Mai applicação, porém, na sua maior parte, estão ao serviço da destruição e da morte. Ao contrario, deveriam estar ao serviço do bem-estar e da felicidade humana.

Empilhados e Inventores: Perguntat aos açambarcadores, aos egoistas, qual é o uso que fazem dos vossos engenhos, pois que ante o mero lucro sacrificam o resto da humanidade, substituíndo o braço pela máquina e lançando aos milhares, os individuos nas invertezas do amanhã. E se protestam, estão os carcereiros para impedir que se movam e gritem, atirando á face dos tiranos os seus crimes.

Capitalistas, Proprietários: Conventualdo de que no certo acumulado realde a vossa felicidade entregat-vos á exploração do proximo, o que constitue um furto... legal, fazendo os produzidos em proveito exclusivo de vossa familia, desprezando as necessidades que criam a vossa riqueza.

Bem-haver do Estado: Saldos da burocracia, sóis solitários com a vossa classe em prejuizo das classes dos...

produtores. Quei nos nos dias, não por causa de fome, mas de fome e de terra pertencem exclusivamente a um certo numero de indivíduos, a possuidora, em detrimento da classe produtora.

Militares profissionais: Educados desde a mais tenra idade na arte de assassinar colectivamente, não vos apercibetis que existe um sentimento que denominamos amor e que o apelo mutuo, em vez de luta, deve ser a base das relações entre os homens?

Religiosos e castos sacerdotes: Cada uma das religiões, que são numerosas, diz ser possuidora dos textos revelados.

Todas se amam, mutuamente, de bissernis e, portanto, quasi é a verdadeira?

Será efficiente que nesta época biológica, demonstratseis em que ponto do cosmos está o vosso Deus, a que sevo pertence e que idade tem; onde acharam os materiais para criar o universo se antes da criação era o caos, o nada...

Aos proletários: Gigante omnipotente que a tudo dá forma; força formidável que á natureza arranca a vida, organismo que irradiat a beleza por sobre a terra, porque vives curvado sobre ela, e a comprehendes; homens que vives na vossa dor e na escuridão de dias melhores, vossas forças esgotam no rama que em redor se desenvolvem dia após dia; os vossos inimigos tramam novos crimes contra vossa existencia, e na inconsciencia não perceberdes os novos grilhões que os tiranos forjam? E por serdes bonas e eslavados não advertis que tudo vos arrebatam, até a saúde, á honra, os bens e vosso futuro, os parasitas que na abundancia vivem de vosso esforço?

Mas a pleiade de sonhadores nobres está alerta e lança no seu cerebro aementes novas de amor e rebeldia; procura portear-te para a Revolução que no horizonte se desenha, pompando o sangue de culpados e inconscientes, e fluminando a sua mente das ideias que são de mudar este mundo ruim em uma sociedade futura de amor, de bem-estar e de justiça.

ANGELO LASHERAS.

A "PLEBE" NO RIO

Para tudo que interessa aos camaradas e diga respeito ao jornal, devem procurar o companheiro Sebastião Batista, á rua Teofilo Ottoni, 148-2, sede da Liga Anti Clerical, todas as noites.

NO TREM

— Então, senhora, já se alistou como eleitora? As mulheres agora já podem ser politicas, já têm o direito de votar e ser votadas.

— Qual! Não sou nem serei eleitora. É um direito de que não quero gozar.

— Mas pode um dia ser eleita, para qualquer cargo politico e tirar dal algumas vantagens.

— É verdade. Entre os milhões de eleitores, alguns têm vantagens apreciaveis, mas esses são tão poucos que não nos devem merecer atenção. A grande massa eleitoral é um rebanho que se prepara para ser tosquiado.

— Mas alguém nos ha de fazer as leis e governar.

— É justamente o que não desejo: ser governada. Libertol-me de meus pais, libertol-me do marido, libertol-me de Deus e pretendo agora libertol-me do patrão, do governo e da opinião publica.

— E como se pode fazer tudo isso?

— Estudando, trabalhando, educando, resistindo, combatendo.

A. F.

A grande mistificação e os grandes mistificadores

O argumento máximo que os aproveitadores políticos e repulivos comparsas e acólitos de toda a espécie e feitio que desencadearam a horrível chacina que enfutou todo o Brasil, era de que S. Paulo se batia pelo RESPEITO A LEI, PELO IMPERIO DA JUSTICA, PELO RESTABELECIMENTO IMEDIATO DA CONSTITUICAO e coisas do mesmo genero.

Que isto era pura mentira, banal retórica para enganar os ingenuos, para lançar pólvora aos olhos dos eternos iludidos e leva los a matarem-se em holocausto ao desejo de mando e a ambição de poder desses roncidentes politicos que querem dominar porfeitamente, salta aos olhos no menos perspicaz desde que se ue a um pequeno exame retrospectivo.

Ora vejamos. Havia a Constituição de 34 não gubada e reconhecida por todos como uma das mais liberais do mundo.

E o que fizeram dela os politicos paulistas? — Rasgaram-na, espinharam-na, reformaram-na, aboliram-na. O senador Adolfo Gordo foi o portavoza da politica plutocratica de S. Paulo para espinhar e suprimir todas as liberdades sem as quais um povo culto e livre não pode viver, reduzindo a liberdade de palavra, de transito, de reunião, de associação, — liberdades elementares tão caras e necessarias a vida moral dos povos como o pão e a para a boca, — a letra morta.

Quem foram os autores e advogados das leis de expulsão, das leis contra a imprensa e contra o direito de reunião dos trabalhadores? Sempre os politicos paulistas, defendendo é claro, os interesses dos industriais, dos fazendeiros, dos acionistas estrangeiros das diversas empresas aqui administradas por eles.

Quem impediu que o nobre e pranteado Nilo Peçanha pudesse ler, aqui em S. Paulo, o seu programa, a sua plataforma politica quando competiu a presidencia da Republica com o sr. Bernardes? Os politicos conseguiram que o teatro Municipal lhe fosse negado e obtiveram, dos particulares, o mesmo resultado, tendo todos os teatros e cinemas recusado alugar os seus salões para aquelle generoso e honesto politico não poder apresentar-se ao povo paulista e ler o notavel manifesto, tornado depois publico pelas colunas de «O Correio da Manhã», do Rio.

O que lhes vale é que o povo esquece depressa ou nem sequer, ao menos, toma conta destes acontecimentos. Do contrario ha muito que o teria corrido do pulcero governamental onde praticaram todos os desmandos concebíveis, todas as mais desbragadas arbitrariedades.

Mas temos mais: agora valnos esclarecer o sr. Marrey Junior, que os acompanhou até ha pouco e que sabe melhor que ninguém a malicia desses politicos carcomidos que sempre trataram as leis como se ellas existissem unicamente para serem violadas, esquecidas, desprezadas.

Em seu manifesto publicado nos jornais de S. Paulo, de 17 de Outubro, dizia o citado senhor:

Os diretores do Partido

Democratico, que, agora se preocupam com a constitucionalização do Paiz, sempre foram de opinião que a Constituinte poderia ser protelada se o governo do Estado fosse entregue ao partido. Os chefes perrepistas que fizeram sempre taboa raza da Constituição e das leis ordinarias, não tinham autoridade moral para levar um passo bem, ordeiro e trabalhado, como é o de São Paulo, aos azares de uma luta para a qual não o prepararam com armas e munições.

Al está. A verdade clara, evidente, insofismavel. Não tinham autoridade moral. E não tinham. Quem calçou todas as leis, quem praticou toda a casta de arbitrariedades, quem liquidou com a Constituição de 24 de Fevereiro, quem exerceu a ditadura de fato sem ter o direito de o fazer, a que titulo invocou o imperio da lei, quando se vê desapeado do poder e não pode cometer as falcatruas desejadas?

E com que razão desencadeam um temporal de fogo levando a morte e a miseria a tantos lares só pela ambição e desejo de mandar?

Que respondam, as desgraçadas victimas!

Despudorados! Invocam a lei, a legalidade, a Constituinte, a Constituição e o diabo a quatro, quando foram eles mesmos, que esqueceram e abandonaram todas essas bellas cousas, para esmagarem todos que lhes podessem perturbar as digestões ou os negócios!

Não corresponderá isto a fazer a parte dos que falam de corda em casa de enforcado?

A todos que se interessam pela "A PLEBE,"

A semana passada não podemos dar o jornal por falta dos elementos materiais indispensaveis.

No ultimo numero apelamos para todos os camaradas e pacoteiros para que liquidassem seus debitos rapidamente para desse modo não ser prejudicada a saída regular do nosso semanario.

Infelizmente, poucos foram os que ouviram ou responderam á chamada. E isto é deploravel, porque sem a ajuda rápida, permanente e assídua de todos á obra comum, essa obra não poderá ir avante, terá que sofrer interrupções, paralises que só causarão prejuizos.

Não temos capital. Temos que pagar tudo. A tipografia, o correio, o aluguel, a compilação do jornal, nada é feito de graça. Por isso, também é preciso que o jornal seja pago logo que as circunstancias o permitam, quer dizer, o mais rapidamente possível.

O anarquismo como expressão artistica

(Concluido)

Criou-se o profissionalismo artistico, destruindo-se na arte a sua função criadora. Tanto que reivindicou, integrando-a na sua finalidade humana.

Deitada ao terreno do internacionalismo a Arte concorre grandemente como elemento de aproximação dos povos, porque não ha maior espirito de solidariedade do que o sentimento artistico das altitudes intelectuales. O simples fato de Goethe e Schiller terem baseado na Alemanha nos seus admirar essa nação, adormecidos a França porque nos deu Rousseau, Victor Hugo, Lamartine, Voltaire, Flaubert, Dandlet, Stendhal etc; a Inglaterra su-

dantes elevações, dos deuses. Este conceito está perfeitamente enquadado dentro do conceito anarquico da vida, porque a vida, nas suas manifestações livres e naturaes, tem uma finalidade artistica, assim como a arte, no seu objectivo real e científico, tem uma finalidade humana.

Nós camilhamos para a realização perfeita das sociedades humanas, e a arte, que é essencialmente anarquica, dirige-se para a concretização do belo, na concepção anarquista da vida.

SOUZA PASSOS.

(1) De uma Conferencia.

EM SOROCABA

O nosso jornal é encontrado com o catuarada Albino, á rua Ermelindo Maturazzo, 61.

Festival P^Ro A Plebe

No dia 24 do corrente, ás 20 horas, no salão CELSO GARCIA, sito á rua do Carmo, realizar-se-á um festival em beneficio de a «A Plebe» com o seguinte

Programa

- 1.º - Conferencia sob o titulo: O SEculo DO OPERARIO, por Adelino de Pinho.
- 2.º - Pelo Grupo Teatro Social, será levado á cena o drama do sr. C. Cavaco, intitulado: A IDEIA EM MARCHA.
- 3.º - Representação, pelo mesmo Grupo, da fantasia social de A. Schimit: AO RELENTO.

FEDERAÇÃO ANARQUISTA BRASILEIRA

O grande camarada Nestor Mahón, logo no começo do seu admiravel livro sobre a «Revolução Russa» na Urraina, primeiro de uma série acerca do formidavel movimento por ele chefiado, conta-nos os seus primeiros planos revolucionarios ao sair da prisão, em 2 de março de 1917.

Diz ele: «Eu estava vivamente preocupado com a insuficiencia de minha educação teorica e minha ignorancia dos dados positivos que me teriam permitido resolver os problemas sociais e politicos, segundo o modo de ver anarquico. Eu sabia, aliás, que tal successa, nove vezes em dez, nos meios anarquistas e que esse triste estado de cousas decorria da falta, entre nós, de toda a organização e tambem de escolas anarquistas. Não sentia menos profundamente essa lacuna, nem cessava de sofrer com isso. Só me consolava e dava coragem á esperanca de que tal estado de cousas não perduraria; eu estava, com effeito, persuadido que o trabalho ao ar livre, dentro de um movimento revolucionario intenso, demonstraria, com evidencia, aos anarquistas a necessidade de criar uma organização poderosa, capaz de levar á pratica todas as forças anarquistas e organizar um movimento de conjunto, coerente e consciente do fim a atingir.»

É adiante volta ao assunto. «A fragmentação dos grupos anarquistas, existente antes da Revolução, não me satisfazia. Uma illice não baseada na coordenação está condenada a permanecer estéril, diz eu. É impolente para agrupar as forças dos trabalhadores correlativamente ao entusiasmo das grandes massas revolucionarias no momento dos atos destruidores, da

Revolução. Nessas condições, os anarquistas partidarios de tal modo de acção devem, ou separar-se dos acontecimentos e imobilizar-se na propaganda sectaria dos grupos; ou então, arrastar-se na cauda dos acontecimentos, não assumindo mais que papéis secundarios, trabalhando assim em proveito de seus adversarios politicos.» Essa necessidade imprescindível de uma organização dos anarquistas sentiram-na e sentem-na, mas que todos, os nossos incansaveis companheiros da «Federação Anarquista Iberica», na Espanha,

No seu órgão official «El Libertario» de 24 de setembro ultimo, publica José Bonet um artigo intitulado: «Necessidade da organização anarquista». O artigo refere-se ao dissidio entre anarquistas individualistas e anarquistas organizadores, mostrando a insubsistencia do individualismo no embate actual. «A necessidade da organização impõe-se, diz ele. Nada mais lógico e justo, quando ha muitos, que desejam a mesma coisa, que procurem acordar-se relativamente ao modo de alcançá-la; sobretudo, quando essa «coisa» está sequestrada pelo Estado, e este dispõe de uma série de instrumentos tiránicos e coercitivos, protectores seus. Hoje, dada a situação que atravessamos, não é só dever dos anarquistas pensar na organização, mas tambem cumprir-lhes estruturá-la de maneira que, sem deixar de ser anarquista, mais eficaz se mostre.»

Ora, correspondendo a esse anelo, vemos o sorprendente surto da «Federação Anarquista Iberica» após a destruição do rei Afonso XIII. Só neste ano de 1932 mais de mil associações anarquistas se criaram e aderiram á Federação, adicionando-se a mais de mil outras já formadas o ano passado. De modo que, na Espanha, temos perto de 2500 conjuntos anarquicos articulados num organismo federativo que, sem tirar, a nenhuma das componentes, sua iniciativa, sua liberdade ou seu carácter, as congrega, informa e ilustra para o ataque decisivo. Essa necessidade de junto a eu é de certo a sentem todos os anarquistas do Brasil: Eis porque crevi aos camaradas de Espanha sobre o desejo nosso de promover a «Federação Anarquista Brasileira e pô-la em ligação interna com a F. A. I. Nesta, é bom notar, já se acha incorporada a «Federação Anarquista Portuguesa», re-fundição dos organismos anarquistas de Portugal.

A formidável atividade revolucionaria dos camaradas espanhóis está evidenciando a iniludível alta vantagem de coordenarem-se as forças anarquicas, em que pese ao dissolvente individualismo de alguns camaradas.

Eis porque abro aqui, na «Plebe», esta questão propondo a exame este para mim relevantissimo tema, o de uma «Federação Anarquista Brasileira» que ligue e coordene todos os grupos libertarios do Brasil numa acção de conjunto.

Rio - 28-11-33.

JOSE OITICA.

QUE É O ANARQUISMO?

Os anarquistas querem: Uma sociedade constituída por feções de trabalhadores que produzam segundo suas capacidades e consumam segundo suas necessidades:

— uma sociedade onde toda a Terra e suas riquezas sejam de todos os trabalhadores;

— uma sociedade sem oppressão das massas trabalhadoras por uma minoria de ricos egoistas;

— uma sociedade sem «moeda», instrumento dos agiotas;

— uma sociedade sem amos, sem prisões, sem miséria, sem ditaduras;

— uma sociedade onde o individuo desenvolva livremente sua personalidade no trabalho, na sciencia, nas artes.

Se desejás tambem isso, és «anarquista». Estuda o anarquismo e procura os outros anarquistas.

Verás então como se pode chegar a isso.

periora-se com os valores de Shakespeare, Milton, Oscar Wilde e outros, assim a Italia, a Grecia, Portugal, a Espanha, o mundo!

A critica intelectual está de fato entregue ao conceito do cosmopolitismo. Os prejuizos sociais, porém, impedem que se produza a multiplicação dos valores capazes de uniformizar o sentimento humano dentro da fraternidade universal. (1)

O anarquismo visa, precisamente, a destruição desses prejuizos, integrando o individuo no desenvolvimento livre do seu sentimento artistico.

Quando o individuo tiver satisfeitas as necessidades em relação ás suas condições de vida, entregue inteiramente a si mesmo, podendo dispor das energias criadoras que transbordam no seu ser em beneficio dos seus semelhantes, livre, enfim, de todos os prejuizos e preconceitos a que está amarrado pelas conveniencias sociais, estará então em condições de ser um verdadeiro artista.

Tendo uma finalidade humana, a arte é uma expressão do triunfo universal.

É por isso que o dr. Mario Pilla, afirma na sua obra sobre Estética:

A estetica evolucionista, no seu conjunto organico, está ainda inteiramente por fazer, em harmonia com os principios duma verdadeira orientação.

E, para, ao menos lançarmos as suas bases, creio que não ha melhor meio que despojarmo-nos primeiro de todos os valores preconceitos ontologicos e academicos, e reconstruirmos depois, dirigindo-nos directamente ás fontes vivas dos fatos, apelando para o intuitivo bom senso das multitudes, e procurando no seu criterio colectivo, ritmos e aco, os dados psicologicos universaes, e por conseguinte o seguro consenso de nossas induções que debilmente poderíamos esperar das discar-



Nota da Federação Operaria de São Paulo

O proletariado atarefado, neste momento, um dos períodos mais melancólicos da sua história de lutas e de anseios. Convencidos da força que representa no equilíbrio da vida social de todos os povos, que todas as partes do mundo se procuram apoiar, ante o trabalho do sistema capitalista, que não obstante o estanco máximo dos seus sabios comunistas em resolver a situação econômica, abriu talante e teleguiada na agenda lançando dos seus últimos limites, fracassados todos os planos de burguesia para resolver a Questão Social, voltam-se agora, os militantes da política para as massas que sempre olham com desprezo, procurando lançar sobre os trabalhadores o seu milagre manto protetor. Mas os trabalhadores respondem a altura da sua vida de sofrimentos, repõem com energia todas as tentativas que os agentes da burguesia fazem para acorrentá-los e continuam a sua obra grandiosa das conquistas feitas pelas suas próprias mãos.

Desiludidos cada vez mais das promessas que em todos os tempos lhes fizeram os políticos profissionais, convencidos da impotência de todos os governos para lhes proporcionar a felicidade a que fazem jus, os trabalhadores seguem a sua marcha através da história, através dos séculos, até a conquista do patrimônio social, que só a quem trabalha e produz, pertence verdadeiramente.

Feitas estas considerações oportunistas, passamos a explicar os leitores sobre os movimentos grevistas que tendem a estender-se a todos os ramos de atividade na vida do industrialismo paulista.

Como todos sabem, o governo socialista do sr. Getúlio Vargas lembrou-se de pretender fazer cumprir uma lei que havia sido conquistada pela agitação das consciências trabalhadoras de todo o mundo, que constituía lá uma regalia universal, mas que, não obstante ser já observada há longos anos em vários países da Europa e da América e até mesmo da Ásia, no Brasil ainda dormia o sono das coisas utópicas e irrealizáveis.

Habitados como estão a mandar e convencerem de que continuam a ser os senhores desta terra de escravos, os industriais de São Paulo não se conformaram com as graças do governo e trataram de sabotar, continuando aliás essa obra que vêm fazendo desde a vitória da revolução de 30, a ação do governo - recusaram-se a pagar as férias e recusam estabelecer as 8 horas de trabalho.

Desabedeceram descoradamente, não ligaram a menor importância à aparente boa vontade do governo, convencidos que poderão iludir todos os governos e todos os governados...

O proletariado de São Paulo, vendo-se traído pelo leal do Ministério do Trabalho, essa inábil instituição da República Nova - que ao invés de procurar conhecer as necessidades dos trabalhadores procura a melhor maneira de acorrentá-los ao patronato, lançaram-se à luta, dispostos a fazer cumprir, pelas suas próprias forças, uma lei que o governo tinha decretado, mas que é impotente para fazer cumprir, porque as suas balonetas, os seus canhões e os seus soldados só tem força contra o povo, contra os explorados, contra os que, matando-se a trabalhar, não conseguem viver...

Produziram-se, em consequência disso, algumas greves nas indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, que respondeu aos trabalhadores com a afronta do «jout-out», pensando que, para bem dos seus coítes, há sempre, entre os trabalhadores, os fracos e covardes que se prestatam ao papel de lacaios, traído os seus companheiros, como aconteceu na «Metalúrgica Aliberti». Mas os trabalhadores souberam manter a sua dignidade, respondendo ao «jout-out» de Villa Pompela com a greve da Cerâmica Água Branca.

A consciência dos trabalhadores se afirma assim ao criar das injustiças sociais.

Em São Carlos, os operários da Companhia Brasileira de Mineração e Metalurgia, alcançaram uma estrondosa vitória, assim como na Casa Pirie &

Vitares, onde os operários também conseguiram tudo o que pretendiam.

Em várias outras casas foram também solucionados os conflitos havidos e resolvidos pelos próprios trabalhadores, que já não esperam a obra profeta dos messias, que em todos os tempos, em nome de todos os céus políticos e mesmo em nome de todos os céus religiosos, apareceram como salvadores das classes operárias, salvando, porém, a tirania de todas as épocas...

CONFERENCIA

Terça-feira, 20, o companheiro Florentino de Carvalho realizará, na sede da Federação Operaria de São Paulo, uma conferencia subordinada ao seguinte tema: «Valor e significação do socialismo, do Sindicalismo e do Anarquismo. - Principios, meios e fins da emancipação dos trabalhadores».

União dos Operários Metalúrgicos

FILIADA A FEDERAÇÃO OPERARIA DE SÃO PAULO

A greve da ALIBERTI

A greve da Metalúrgica Matarazzo terminou com algum insucesso. Assim aconteceu, porém, em consequência da traição do quadro gráfico, que, seguindo a orientação de um organismo que obedece à palavra de ordem de uma organização que se diz revolucionária e partidária da frente única dos trabalhadores, como espalhafatosamente o faz nos seus manifestos, mas que, na hora de provar a resistência da luta contra o patronato, arregimentou os seus quadros e lhe indicou o caminho da traição, mandando-os furar a greve, alegando que eles não são filiados à Federação, como se ali não estivesse em jogo a solidariedade proletária.

Se pensavam enfraquecer a União dos Operários Metalúrgicos, esses companheiros enganaram-se, porque o seu ato se tornou repulso, para todos os trabalhadores daquela casa, e nós estamos cada vez mais firmes, e os pescadores de águas turvas que se contentem com o nosso desprezo moral.

—UM GRÉVISTA DA ALIBERTI.

União dos Empregados em Cafés

FILIADA A FEDERAÇÃO OPERARIA DE SÃO PAULO

A última semana foi assinalada, na vida deste organismo de defesa, pela conquista, no Café Aliberti, de um caso semanal, graças à consciência dos empregados desta casa, que em um gesto ativo e digno, arrancaram ao patrão, esse direito que lhes pertence. Muito bem, companheiros! Sempre ávante!... — A COMISSÃO.

União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas

FILIADA A FEDERAÇÃO OPERARIA DE SÃO PAULO

Na sede desta organização que constitui um dos mais fortes baluartes do movimento operário de São Paulo, realizou-se, no dia 5 do corrente, uma conferencia do ex-deputado Francisco Frota, cujo tema, «Luta de Classes», foi por ele tratado com conhecimento de causa.

Completamente chelo o salão, as palavras de Francisco Frota, quentes e arrebatadoras, ecoaram nos presentes que manifestaram o seu entusiasmo com repetidas salva de palmas.

Com esta conferencia teve a U. A. Calçados uma esplêndida oportunidade para proporcionar aos trabalhadores uma verdadeira noite educativa, porque, como era natural, pertencendo o Conde Frota a uma corrente que tem como base o socialismo de Estado, despertou nos assistentes o desejo de controversia. O camarada Florentino de Carvalho ana-

lizando e fazendo algumas considerações sobre as ideias expostas pelo Conde Frota, demonstrou aos trabalhadores que o Estado, Socialista ou Imperialista, não pôde deixar de ser o instrumento opressor, ao serviço da Reação.

Houve debates animadíssimos em torno de varios créditos políticos, tendo havido pequenos incidentes provocados pela intervenção de alguns elementos discordantes já conhecidos no seio das massas.

União dos Trabalhadores da Light

FILIADA A FEDERAÇÃO OPERARIA DE SÃO PAULO

A nova Comissão Executiva avisa a todos os companheiros que já tem sua sede provisória à Rua do Carmo, 12 (1.º andar), e pedimos a todos que nos enviem as suas cadernetas o mais breve possível para tratarmos de obter as férias.

Também avisamos que o nosso sindicato, como todas as organizações operárias, é autônomo, sem intermediários e sem caráter política; portanto, fica bem esclarecido: **DENTRO DO SINDICATO NÃO SE DISCUTE QUESTÕES RELIGIOSAS OU POLITICAS.**

A nova Comissão Executiva espera o apoio de todos os trabalhadores da Light. A união faz a força. Viva a União dos Trabalhadores da Light! — A COMISSÃO EXECUTIVA.

Liga Operaria da Construção Civil

FILIADA A F. O. S. P.

Esta organização se reunirá amanhã, às 9 horas, e todos os domingos em sua sede social. Ainda na última reunião, foram discutidos varios assuntos interessantes, notando-se cada vez mais a animação da classe em torno das questões do momento proletário.

Greve na Vidraria Santa Maria

Da União dos Operários em Fabricas de Vidros, filiada à Federação Operaria de São Paulo, recebemos comunicação de que os operários da Vidraria Santa Maria, se declararam em greve, com o escopo de exigir o aumento de salários.

União dos Cantelões de São Paulo

FILIADO A F. O. S. P.

Este sindicato realizará, amanhã, domingo, 18, às 8 horas da manhã, uma assembléa geral na Praça da Sé, 53, 1.º andar, sala 118, devendo a ela comparecer todos os camaradas. — A COMISSÃO EXECUTIVA.

Sindicato dos Manipuladores de Pão e Anexos Confeitelros

FILIADO A F. O. S. P.

Comunicamos da sede deste sindicato que a classe está disposta a conseguir o estabelecimento do horário de 8 horas.

Foi solucionada a greve de Agua Branca

Apesar do manejo das forças reacionárias; apesar dos esforços do Ministerio do Trabalho em fazer fracassar a greve pacífica das Industrias Reunidas Francisco Matarazzo de Villa Pompela e Agua Branca, a força conciente dos trabalhadores organizados e unidos em seus sindicatos de classe alcançou uma estrondosa vitória. O conde Francisco Matarazzo, compreendendo afinal que os seus milhões são impotentes

ante a força de concienca dos seus operarios quando reclamam os seus direitos, cedeu à pressão esmagadora dos braços cruzados, que, não movimentando as máquinas fazia diminuir a entrada do ouro em suas caixas fortes, durante 12 dias de greve, em que os operarios desta industria, principalmente as mulheres, se mantiveram em uma atitude digna de operarios que tem concienca dos seus deveres e já não compreendendo o valor dos seus direitos.

Isto se conseguiu pela ação direta dos próprios trabalhadores, porque estes não

delegando os poderes a ninguém, não admitindo intermediarios, ergueram uma muralha que só pôde ser transposta pelo triunfo da sua causa.

Avante, trabalhadores!

O vosso sindicato, orientado pela Federação Operaria de São Paulo, vos levará à conquista dos vossos direitos.

Segundo, estamos informados, os operarios das Industrias Matarazzo, conquistaram o seguinte: Pagamento quinzenal, oito horas de trabalho, pagamento das férias e aumento de 20 %.

Nosso Balancete

ENTRADAS	
LISTAS n. 11, 105; n. 16, 265; n. 19, 21500; n. 21, 18500; n. 25, 75; n. 27, 315; n. 29, 14500; n. 13, 17500; Sorocaba, 47, 42500; da administração, 318500; venda avulsa e pacotes, 237500. — Total 7635900.	
DESPESAS	
Deficit do balancete anterior, 4455000	
Tipografia e confecção do n. 5 de "A Plebe"	4405000
Sêlas para expedição	245000
Burbante, carimbo e tinta	105000
Aluguel da sede.	605000
Movéis	605000
Total	10095800
CONFRONTO	
Despesas	10095800
Entradas	7635900
Deficit	2759900

Vida Libertaria EM SOROCABA

Por um grupo de esforçados camaradas, acaba de ser reorganizado o «Centro de Estudos Sociais» que em outros tempos muito fez pela causa social.

Este Centro dedicará a sua atividade na difusão de jornais, livros e folhetos de caráter libertario, assim como se esforçará por organizar conferencias sociais e educativas.

A todos os jornais e grupos editores pede-se o envio de um exemplar de suas publicações.

Toda a correspondência deve ser dirigida a Miguel Prado, rua Coronel João Tavares, 33.—Sorocaba—E. de S. Paulo, Brasil.

A "Guerra Civil de 1932 em S. Paulo"

PELO CAMARADA FLORENTINO DE CARVALHO

Já se encontra à venda em todas as livrarias este ótimo livro, cuja leitura recomendamos a todos os homens livres.

Preço — 45000. — Pelo correio, registrado — 45500.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importância, devem ser dirigidos a Rodolfo Felipe — Caixa Postal 195 — S. PAULO.

Materia que fica

Ficam sobre o mármore os seguintes artigos: Correspondencia do Rio; Trabalhadores; Dia virá...; A bondade de Malatesta, Correspondencia de S. Bernardo, Munições para «A Plebe», outros artigos e noticias.

A rifa pró A "Plebe"

A rifa—Ação entre amigos de A «Plebe» que deveria ser sorteada hoje, fica transferida para o dia 26 do corrente. Todos os bilhetes que não forem devolvidos até o dia 25, serão considerados vendidos.

BIBLIOGRAFIA

(Conclusão da 1.ª pagina)

ca, mas, ao contrario, como espirito arguto e sagaz, conhecedor da historia do país, da sua gênese como colonia e como nação independente, procura lançar luz nas causas próximas e remotas de tal arremetida. O autor estuda as instituições que maior influencia tem exercido nos fenômenos morais e sociais do país, como o Romanismo, o Positivismo, o Abolicionismo, o Republicanismo, as Bandeiras, o Capitalismo, etc. e daí procura deduzir os ensinamentos convenientes, acabando por apresentar um esboço de «Soluções sociais imediatas».

É um livro cuja leitura meditada recomendamos a todos os camaradas anciosos por tirarem a lição proveitosa e exata da terrível calamidade que nos affligiu e prejudicou durante tres mezes de guerra, de luta incruenta, de morte e de abominação.

A seguir o indice dos capitulos:

A AGITAÇÃO — A ARRANCADA — MOBILIZAÇÃO GERAL — A AÇÃO DA JUSTIÇA — ELEMENTOS CONSTITUINTES DA CAMPANHA — A RAZÃO IMEDIATA DA LUTA — O FATOR INTELECTUAL — ORIGEM E SIGNIFICAÇÃO DO MOVIMENTO — O ROMANISMO NO BRASIL — O BRASIL REPUBLICA — A EPOPEIA ABOLICIONISTA — A CAMPANHA REPUBLICANA — A EPOPEIA DAS BANDEIRAS — QUESTÃO DA MENTALIDADE — ADVENTO DA LUTA SOCIAL — O CHOQUE — O CAPITALISMO CONTRA A CIVILIZAÇÃO — PROGRESSO INDUSTRIAL E A SUA OBRA — RESISTENCIA ÀS CRISES — O REGIME BURGUEZ EM MARCHA PARA A UNIDADE — A CIVILIZAÇÃO EM CHEQUE — DOCTRINAS SOCIAIS MODERNAS — O POSITIVISMO DE COMTE — INCOERENCIAS DO SOCIALISMO DEMOCRATA — PARA ONDE CONDUZ O MARXISMO — O NOSSO POSTULADO SOCIAL — PROBLEMAS SOCIAIS DE EMERGENCIA — EM PRÓL DE UMA ORIENTAÇÃO SEGURA — O PROCESSO REVOLUCIONARIO — SOLUÇÕES SOCIAIS IMEDIATAS — EM FACE DA NOVA ORDEM POLITICA — BASE INTELECTUAL DO SOCIALISMO — PELA REABILITAÇÃO MORAL DA REVOLUÇÃO.

Divulgar

A "PLEBE"

é dever de todo trabalhador de concienca livre